

Cordel do Amor sem Fim

(O palco está escuro. Vê-se, apenas, no canto direito do palco, o cordeleiro que afina o seu instrumento, o violão. Depois de terminada a afinação ele cumprimenta o público tirando o chapéu, de couro ou de palha, da cabeça. Começa a canção O Luar, letra e melodia de Carlos Barral.)

Contador – Eu que fui pé no chão nesse rumo
Assumo que vim sem dizer que não.
Sou pedra, sou peixe, sou rio,
Sou tarde de junho e o frio
Sou noite, me lembro, dezembro,
Pé de vento, de chuva e trovão.
Sou um raio de luar
Onde está meu coração.
E lá fora o luar bate claro no algodão
Branco, branco a me lembrar onde está meu coração.
Costas brancas desse mar, bate, bate sem perdão
A lembrança de um luar voa
Onde está meu coração?

(Terminada a canção o homem coloca o violão de lado, apoiado sobre um pequeno banco que trouxe consigo ou apenas colocando-o nas costas preso por uma correia. Mal termina o gesto já começa a falar).

Contador – Deus separou o claro do escuro, separou o mar da terra, separou o macho da fêmea, separou o bem do mal e se Deus já começou separando quem sou eu pra falar de união? Mas eu digo que o homem é bicho que nasceu pra ficar tudo junto. Da vida eu digo que é longa demais para dizer que é curta e é curta demais para dizer que é longa. Do mar eu digo que é grande demais pra minha canoa e, do rio, eu digo que é o que me corre nas veias. Da grande cidade eu digo que já me debrucei nas suas varandas e que o mosaico de suas calçadas já viram o carimbo de meu pé. Sei de seus tumultos e barulhos e digo que nenhum deles deve ser o som da esperança. Porque os sinos da esperança não tocam nessas catedrais de pedra, nas ruas de pedra, no peito de pedra desses homens que andam por tantas ruas e que não chegam em lugar nenhum. Do violão digo que é meu melhor amigo por ser o único que não me dá conselhos e, do sertão, digo que é minha casa. Do desejo digo é bicho que não morre, do tempo digo que é inimigo dos homens e, do amor, digo que é inimigo do tempo.

(O homem toma, novamente, o seu violão e começa a dedilhar a melodia de São Francisco, de Carlos Barral).

Contador - Era dezembro na beira do Rio São Francisco. Pois sim que era dezembro. Era dezembro na beira do rio, dezembro afogando o sertão, dezembro nas cidades ribeirinhas, na cabeça dos caboclos, era dezembro também, porque não podia deixar de ser, dezembro em Carinhanha. Então era o dezembro, a cidade de Carinhanha e o rio sendo a veia da cidade. Era dezembro de chuva e calor em Carinhanha e eram três as irmãs: Teresa, Carminha e Madalena.

(O palco se ilumina e vemos os móveis de uma casa simples, sertaneja. Vê-se Madalena costurando uma roupa. Entra Carminha).

Carminha – Tô fazendo. Agora sem farinha é que não vai poder ser.

Madalena – Manda Teresa buscar farinha.

Carminha – Teresa mal acabou de chegar da rua. Tá cansada.

Madalena – E aquilo lá cansa?

Carminha – Vá você, minha irmã.

Madalena – Agora essa mania de me tirar de casa!

Carminha – Distrai um pouco...

Madalena – E comprar farinha lá é distração, Carminha?

Carminha – Um passeio até o cais...

Madalena – Pra voltar carregada de saco? Manda Teresa.

Carminha – Eu vou contigo.

Madalena – Se pode largar a panela pra ir comigo então por quê é que não vai só?

Carminha – Eita, que eu esqueci da panela! *(Sai)*

Madalena – Anda com a cabeça aonde?

Carminha – *(de fora da cena, gritando da cozinha)* Então vai Teresa.

Madalena – Ela mesma. *(gritando)* Teresa! Ô, Teresa, essa menina, chegue aqui.

(Teresa entra)

Teresa – Que foi?

Carminha – Vai lá no cais, minha irmã, e traz dois sacos de farinha pra fazer o pirão, vai, Teresa?

Teresa – A do cais é mais cara.

Madalena – É mais cara porque é melhor.

Carminha – *(Entrando)* Tem nada não, Teresa, traz a farinha boa.

Madalena – É pela ocasião.

Teresa – Que ocasião, meu povo? José come aqui dia sim dia não.

Madalena – Mas hoje ele vai te propor, né minha irmã.

Teresa – Diz que é, né?

Madalena – A panela, Carminha...

Carminha – Vou vê...! *(Sai)*

Madalena – E tu vai aceitar, né, Teresa?

Teresa – Eu já conversei com ele.

Madalena – E disse o quê?

Teresa – Que se fosse pra dizer “não” eu dizia logo. Não precisava essa conversa de almoço.

Madalena – Então é “sim”, né?

Carminha – *(de dentro)* A farinha, Teresa!

Madalena – E tu gosta dele?

Teresa – *(gritando pra Carminha)* O dinheiro tá onde, Carminha?

Madalena – Responde, Teresa. Cê gosta dele?

Carminha – *(da cozinha)* Tá em cima da mesa!

Madalena – Eu me lembro que, de nós três, não era você a que gostava dele, não.
(Faz gesto para Carminha que está na cozinha) Mas é de você que ele gosta.

Teresa – Vou buscar a farinha.

(Teresa sai. Pausa. Durante a cena seguinte Carminha está na cozinha, fora de cena. Ouve-se apenas a sua voz).

Madalena – Carminha?

Carminha – Tô escutando.

Madalena – Cê repara como José gosta de Teresa?

Carminha – Reparo.

Madalena – É bom isso, né?

Carminha – Deve de ser.

Madalena – E agora vão casar, né, minha irmã?

Carminha – Se for da vontade de Deus.

Madalena – Há de ser.

Carminha – E Teresa?

Madalena – Que é que tem?

Carminha – Demorando.

Narrador – Teresa saiu Teresa, mas voltou já outra pessoa. Era onze da manhã de um dezembro de céu pesado em Carinhanha quando Tereza fez o caminho que ia de sua casa ao cais da cidade.

(Teresa entra.)

Madalena – Demorou.

Carminha – É Teresa?

Madalena – É.

(Carminha vem, pega os sacos na mão dela e volta pra cozinha. Teresa continua parada na porta.)

Madalena – *(que depois de um tempo nota a irmã)* Que foi, moça?

Teresa – Minha irmã...

(Batem na porta.)

Madalena – Abre a porta aí, Teresa.

(Teresa não se move).

Madalena – Teresa?

(Teresa olha para ela.)

Madalena – Abre a porta. É José.

(Teresa abre a porta. José entra).

Madalena – ô José!

José – Como tão passando?

Carminha – *(de dentro)* Tá com fome?

José – Sempre!

Madalena – Fique aí conversando com Teresa, José, que eu vou aqui dentro guardar esse vestido de Carminha que eu tava fazendo um conserto...

(Madalena sai)

José – Posso te dar um beijo no rosto, Teresa?

Teresa – Pode não.

José – Uai, mulher, tu num é minha noiva dentro de meia hora?

Teresa – José...

José – Que foi?

(Pequena Pausa).

José – Fala, Teresa!

Teresa – Olhe, José...

(Pausa)

José – Mas que aperreio! O que foi que te fizeram? Me diga!

Teresa – Olhe, José, não se aborreça não.

José – Primeiro tu me conta depois eu resolvo se é o caso de me aborrecer.

Teresa – Se lembra, José, que eu te disse que tu era meu amigo?

José – Lembro.

Teresa – E que se fosse pra negar o seu pedido de casamento eu ia negar logo era na hora? Que eu não ia deixar você vir até aqui com conversa de almoço e tudo pra sair carregando um não nas costas, que eu não ia querer fazer você passar embarço nenhum, nem na frente de minhas duas irmãs e na frente de ninguém?

José – Eu já sei de tudo isso, Teresa! Mas qual foi o caso?

Teresa – O caso é que agora você já tá aqui, não é, José?

José – Tô, não tô?

Teresa – Mas não me peça em casamento, não.

José – Por que não, Teresa?

Teresa – Porque eu não vou aceitar.

(Carminha entrando)

Carminha – Tá pronto!

José – O que é que tá pronto?

Carminha – O almoço, homem! Ensopado e pirão.

(Silêncio na sala)

Carminha – Que foi, gente?

(Silêncio na sala)

Carminha – Eu vou lá dentro...

Teresa – Fique, Carminha.

José – Deixe Carminha ir lá dentro terminar o almoço.

Teresa – O almoço tá pronto.

José – Deixe Carminha ir lá pra dentro, Teresa. Cê tem que fazer lá dentro, não tem, Carminha?

(Carminha não responde. Espera alguma reação de Teresa. Entra Madalena.)

Madalena – Que foi, gente?

José – Agora conta pras suas irmãs, vai!

Teresa – José desistiu de me pedir em noivado.

Madalena – Mais essa agora, José?

José – Conta direito, Teresa!

(Pausa)

José – Vai, mulher, conta o que foi que tu me disse!

Teresa – Eu disse a José que não me pedisse em casamento.

Madalena – Por quê?

Teresa – Porque eu não vou aceitar.

(Silêncio)

Madalena – Não vai aceitar por quê?

Narrador – Se com uma frase Deus criou o céu é natural que com uma frase o céu desabe. A frase que derrubou o céu de José foi aquela.

Teresa – Porque eu sou de outro.

Madalena – De outro o quê, menina?

Teresa – De outro homem.

Narrador – Era dezembro em Carinhanha. Era dezembro quando Teresa viu Antônio pela primeira vez. Dezembro quando seu peito foi flechado, quando seu destino mudou de rumo, quando o amor desceu sua machadada certa na cabeça da menina.

Teresa – Eu fui no cais buscar a farinha e o vapor tava chegando...

Narrador – E dentro do vapor vinha a razão pela qual Teresa tinha nascido e sobrevivido até aquele dia. Vinha a razão pela qual ela viveria daquele dia até o fim.

Teresa – E desceu do vapor esse moço...

Narrador – O nome que ela haveria de chamar noite adentro...

Teresa – Antônio. O nome dele.

Narrador – O nome dele atravessando o coração dela.

Teresa – E ele me viu e conversou comigo...

Madalena – Mas se foi agora então foi conversa de vinte minutos!

Teresa – E ele disse que gostou de mim. Muito.

Narrador – E o coração galopando como um cavalo doido...

Teresa – Que era esquisito...

Narrador – Se reconheceram: Você, dona de minha alma, rainha do meu descanso, senhora de meu juízo.

Teresa – Que não podia ficar...

Narrador – E aí Teresa começou a caminhar nesse terreno perigoso, esse, cheio de despenhadeiros: O das promessas de amor.

Teresa – Ele disse que voltava. Voltava pra me buscar.

Madalena – E você acreditou?

Teresa – Acredito. Eu vi verdade nos olhos dele.

Madalena – E olho de homem lá é lugar pra se encontrar verdade, Teresa?

Narrador – Toda a verdade do mundo está nos olhos de Antônio. Era o que Teresa via.

Teresa – E é por isso que eu não me caso com José.

Narrador – O amor inundou o terreno de seu peito numa tempestade tão violenta que derrubou todas as cercas.

Teresa – Eu tava era com medo de ficar sozinha, José. Por isso é que eu ia casar, já que você gostava de mim.

Madalena – Olha, Teresa, que o medo tem sua valia.

Narrador – Mas agora Teresa era só coragem e esperança.

Carminha – E você vai desistir do noivado e vai fazer o quê, minha irmã?

Narrador – Ao que Teresa respondeu sem titubear:

Teresa – Vou esperar.

Narrador – E o diagnóstico:

Madalena – Tá doida!

Narrador – E tudo que podia ser dito, foi dito.

Madalena – Mas você vai passar a vida esperando um homem que você nem conhece, Teresa? Vai trocar o certo pelo duvidoso, minha irmã?

Narrador – E o quê que é certo nesse mundo errado?

Madalena – Vai deixar um rapaz bom que nem José pra ficar esperando um salafrário que nunca volta?

Teresa – Ele volta.

Madalena – Quem é que volta pra essa cidade, Teresa? Isso aqui é cidade de partida.

Teresa – Antônio é diferente.

Madalena – E difere no quê? No que é que um homem difere do outro? Homem é tudo igual.

Narrador – Mas Antônio era o homem dela. E, em sendo o dela...

Teresa – Eu espero.

Madalena – Então se a questão é de esperar, então todo mundo espera junto! Eu espero, Carminha espera, José espera! Não espera, José?

José – Espero.

Madalena – Pois então esperamos juntos! Eu não dou uma semana pra esse encantamento dos infernos terminar. Não resiste ao tempo não, Teresa. Cê vai ver, José. Não dou uma semana!

(E ficam os quatro, imóveis, esperando.)

Narrador – E passou uma semana.

Madalena – Não dou mais uma semana.

(Continuam os quatro em pé, esperando.)

Narrador – E se passou mais uma semana.

Madalena – Não dou um mês!

(Continuam esperando. Carminha senta numa cadeira. Os três continuam em pé. Tempo).

Narrador – E se passaram dois meses.

Madalena – No mês que vem a doideira acaba!

(José pega o seu chapéu e olha pra Teresa.)

José – Vou esperar em casa.

(José sai. Carminha já dorme sentada na cadeira. Madalena espera o tempo inteiro olhando Teresa , que não tira os olhos da porta).

Narrador – E se passaram oito meses.

(Black na cena. A luz está apenas sobre o contador).

Contador – Tem o amor de mãe pra filho. Tem o amor de dois irmãos. Tem o amor que um homem sente por uma mulher e tem o amor que uma mulher sente por um homem. Nessa última categoria tem o amor do “se eu não tiver você o tempo passa”, tem o do “se eu não tiver você eu até prefiro” e tem o pior, o maldito, o

amor inventado por Deus ouvindo opinião do demônio, o que Teresa sentia, o amor do “se eu não tiver você eu morro”. Dezembro acabou e outros dezembros vieram e quanto mais dezembros viessem a cabeça de Teresa só martelava a idéia fixa: Antônio há de voltar. Eu não sei por que mistério com Teresa foi assim, eu só sei que tudo acaba, tudo muda, tudo morre, mas o sentimento de Teresa não acabava, não mudava e não morria.

(O homem canta São Francisco, de Carlos Barral)

Cantador - Lado esquerdo e um rio atravessado
Verde margem e um dezembro que se foi
Se me lembro do meu lado esquerdo dói
São Francisco, tu não paras de passar.

(Luz na cena. Madalena costurando, Carminha varrendo a sala. Teresa vai passando. O cantador não pára de tocar a sua viola.)

Madalena – Vai onde?

Teresa – No cais.

Madalena – Vai esperar o vapor.

Teresa – Se já sabe perguntou pra quê?

Madalena – Pra ter certeza que minha irmã tá é doida mesmo.

Teresa – Pois agora já tem.

(Teresa vai saindo. Ao ouvir a voz de Madalena, pára.)

Madalena – Todo dia cê vai e ele nunca vem.

Teresa – Quando vier eu quero tá lá esperando.

Carminha – Vai com ela, Madalena, deixa isso aí que eu termino. Vai dá um passeio, vai.

Madalena – Que passeio, Carminha? Tu também tá ficando doida, é? Passeio debaixo de um sol desse!

Carminha – Se é de dia é por causa do sol, se é de noite é por causa do frio.

Teresa – Eu já vou indo...

Madalena – Vai, besta, pode ir, vai! Vai só! Doida!

Carminha – Deixe a menina!

Madalena – Olha, Teresa, que cada passo que a gente dá é um passo em direção à morte. E esse corpo que você tá guardando pra Antônio quem vai acabar comendo é a terra.

Teresa - Eu já tô em paz no meu caminho.

Madalena – Caminho de esperar?

Teresa - O caminho de Antônio.

Madalena - Um Antônio que não volta?

Teresa - Vai voltar.

Madalena - Já passou tempo demais, menina.

Teresa - Tempo é coisa que não tem medida.

Madalena – Teresa, amanhã faz quatro anos.

Teresa - Parece que foi ontem.

(pausa)

Madalena - Parece não.

(Tereza sai da casa. O contador prossegue sua melodia.)

Cantador - Passa tudo dentro sempre do meu peito
O que está feito, está feito, está bem feito,
O não feito nunca mais que se fará
São Francisco, tu não paras de passar.

(A música do contador embala a cena seguinte. As três irmãs estão na sala cuidando de seus afazeres).

Carminha – Vai que volta?

Madalena – Volta nada!

Carminha – Se voltar?

Madalena – Se fosse assim já tinha voltado.

Carminha – Eu rezo a Deus que ele volte.

Madalena – Deus lá tem nada que ver com isso que Deus não ficar dando corda pra doido.

Teresa – Deus deixou que eu visse Antônio.

Madalena – E Deus ia lá saber que a partir daí tu ia ficar doida?

Carminha – Saber ele sabia...

Teresa – Deus me deu força pra gostar de Antônio, meu deu fé pra acreditar no que ele disse, eu não sei como é que ele não tem nada que ver com isso...

Carminha – Logo quem? Deus! Que é quem mais tem a ver com todas as coisas!

Teresa – Pois não, é?

Carminha – Fala com Deus que Antônio volta.

Teresa – Ele volta.

Madalena – Volta nada.

Teresa – Volta.

Madalena – Volta não.

Teresa – Volta. Não pode ser justo que ele não volte porque minha vida foi inventada para emparelhar com a dele e Deus não ia botar tanto desejo no peito de uma filha sua se não tivesse o plano de um dia satisfazer esse desejo.

(O Contador finaliza a sua canção).

Cantador – Vai lambendo seus barrancos, seus beirais,
Vai levando pedras, peixes e pontais,
Mais que tudo vai levando o meu olhar
São Francisco, tu não paras de passar.

Alegria em que curva te perdeste?
Que lajedo, que peral fundo e sombrio?

Tu descansas para sempre nesse rio.
São Francisco, tu não paras de passar.

(Casa de Teresa. Alguém bate na porta com força. A sala está vazia. Teresa vem correndo de dentro.)

José – *(de fora, esmurrando a porta)* – Abre a porta, Teresa!

Teresa – O que é que foi, homem?

José – *(entrando, meio embriagado)* Toda rameira da cidade tem seu rosto!

Teresa - Tá dando pra beber agora, José?

José – Toda mulher que eu me deito é você, Teresa! É você por debaixo de mim quando eu fecho meu olho, eu ouço você gemendo, mulher.

Teresa – Você tá é bêbado, José.

José – Tô não. Devia era de tá mais! Devia era ficar doido logo de uma vez.

Teresa – Não fala besteira não, homem.

José – Tudo que eu falo pra você é besteira, Teresa.

Teresa – Eu vou sair. Vou lá no cais.

José – *(segurando ela)* Vai não!

Teresa – *(tentando se livrar dele)* Deixa de besteira, homem!

José – Pára de dizer que tudo é besteira, Teresa!

Teresa – Mas é, não é?

José – Besteira um homem desejar uma mulher?

Teresa – Uma mulher que não é dele e nem vai ser?

José – Tu é minha!

Teresa – Sou não, José. Eu sou é de Antônio. Eu sou Teresa de Antônio.

José – *(tentando agarrá-la)* Tu nunca mais fala isso!

Teresa – Mas é verdade, Zé!

José – Minha verdade não é essa, não.

Teresa – Me larga, José! Eu vou no cais.

José - Vai não! *(tenta beijar a moça)*

Teresa – *(tentando se desvencilhar dele)* Eu não quero você não, Zé.

José – *(mais violento)* Agora você não tem mais que querer não, Teresa! Agora meu querer só já me basta!

Teresa – *(lutando com ele)* Me larga, José! Me deixa, homem, pelo amor de Deus! Me deixa ir embora, José!

(Carminha entra. Presencia a cena).

Carminha – Tá ficando doido, moço?

(José larga Teresa)

Carminha - *(empurrando José, violentamente)* Não tá ouvindo a moça dizer que não quer, não? Tá jogando cachaça nos ouvido?

Teresa – Eu vou no cais, Carminha.

Carminha – Vai. Vai, sim, minha irmã.

(Teresa vai saindo...).

José – Teresa...

Carminha – *(ameaçadora)* Tu não encosta nela!

(Teresa sai. José senta numa cadeira. Pausa)

José - Teresa era pra casar comigo!

Carminha - Não faça essa escolha por ela não, moço. Deixe que ela sabe.

José - Teresa lá sabe de nada! Tua irmã desandou, Carminha.

Carminha - Parece não.

José - Mas só parece.

Carminha – Ela gosta é de Antônio.

José - E vai ficar esperando?

Carminha - O amor tem paciência.

José - Besteira! Esperando porque o outro disse...

Carminha - O amor acredita.

José - Quero ver é se ele nunca voltar.

Carminha - O amor perdoa.

José – E eu? Como é que fico? Eu fico é como, Carminha? Me diga!

(Pausa. Olham-se fixamente.)

Carminha – O amor perdoa viu, José? Perdoa tudo. Perdoa sempre.

José – Carminha, eu amo é Teresa.

Carminha – Ama, não.

José – Como é que não amo?

Carminha – Esse que cê sente não é amor, não. É vaidade. O amor é quando a gaiola tá aberta, quando a coleira tá frouxa. O amor é o de soltar, esse de prender é vaidade.

José – Eu vou pra minha casa.

Carminha – Vai que eu não vou te pedir que fique.

José – Eu vou mesmo.

Carminha – Vai, José. Tu não tá preso, não.

José – Carminha, eu não posso fazer nada por você, não.

Carminha – Então deixa que por mim eu mesma faço. Agora faz um favor a Teresa: deixa a menina, José. Deixa o tempo.

José – Eu vou tirar sua irmã do meu peito, Carminha, cê vai ver.

Carminha – Consiga isso.

José – Eu vou botar você no lugar dela.

Carminha – Isso aí não é a gente que escolhe, não.

José – Vou dar meu jeito...

Carminha – Não me prometa nada não, José, que depois pra mim fica pior.

(Pausa)

José – Cadê Madalena?

Carminha – Quando eu saí tava cochilando no quarto.

Madalena – *(entrando)* Já acordei. E Teresa?

Carminha – No cais.

Madalena – Você já tava de saída não é, José?

José – Tava sim.

Madalena – Pois é melhor você ir indo mesmo.

(José sai).

Madalena – Tá fazendo inferno, Carminha?

Carminha – Quando eu cheguei o inferno já tava feito.

Madalena – Não se meta no caminho deles dois não, minha irmã.

Carminha – O caminho desses dois não se encontra mais não.

Madalena – E você gostou disso, não foi?

Carminha – Eu num ia querer que minha irmã ficasse com um rapaz que ela não gosta...

Madalena – Porque quem gosta dele mesmo é você...

(Carminha não responde).

Madalena – E é só por isso que você não concorda quando eu digo que essa conversa de Teresa esperando Antônio é doideira.

Carminha – *(sem se abalar)* Não é por isso, não.

Madalena – Mas é só por isso.

Carminha – *(plácida)* Não é, não.

(Pausa)

Madalena – No fim das contas seria bom mesmo é pra você se Teresa espera esse Antônio que nunca volta e José desiste dela. Por isso que você fica nessa conversa de “deixa a menina”!

Carminha – Não é por isso, não.

Madalena – Então é por quê, Carminha?

Carminha – Porque eu acredito que tem mesmo é que deixar.

Madalena – Tem que deixar?

Carminha – Quem ouviu o moço dizer que voltava foi ela. Se ele disse de um jeito firme, ela acreditou, quem sou eu pra duvidar?

Madalena – É irmã dela! Porque ela vem com essa conversa de Teresa de Antônio, mas é minha irmã também.

Carminha – Mais uma razão.

Madalena – Razão pra quê?

Carminha – Pra deixar ela paz.

(Madalena olha pra Carminha. Pausa. Madalena sai. A luz escurece a cena e ilumina o contador.)

Contador – E José foi embora da casa naquele dia. Foi pra passar muito tempo sem voltar. Foi pra passar muito tempo bebendo nos bares, arrumando confusão com quem dizia que Teresa tava doida. E a vida ia se arrastando pelos trilhos do tempo e o tempo de José virava vida com outras mulheres, jogando bilhar, acalmando a fera que tinha nascido no peito dele num dezembro antigo que virou sua vida de cabeça pra baixo. E com tanta canção de ninar nas vozes das moças

de vida fácil, a fera dormiu. José até teve em casa de Teresa outras vezes. Almoçou lá com as moças, contou umas piadas, Carminha ria mais que toda a graça. A fera dormiu, mas não morreu. *(Teresa vai entrando em cena)* Enquanto isso Teresa ia seguindo o seu caminho... Sem sair do lugar.

(O Contador canta Volta do amor, canção de Carlos Barral. Teresa está olhando para o longe, muito longe. José canta o refrão da música junto com o Contador.)

Cantador – Eu vou de novo recontar a estória
A partir do meio, a partir de agora
Que você me veio tendo ido embora
Na parte mais triste de não mais voltar.

Eu que cortei voltas para que a tristeza
Não me surpreendesse no seu labirinto
Contra a correnteza a mágoa que sinto
É querer ir longe e ter de ficar.

Eu sinto que esse amor que volta nunca esteve longe
Reinvento a porta e a luz do começo
Já que não tem preço ver você voltar.

É como se o primeiro instante desse amor menino
Acendesse as cores,
Repicasse os sinos,
Remoçasse inteiro,
Reaprendesse a amar.

(Luz na cena. Carminha lê a bíblia. Madalena entra com um vestido na mão).

Madalena – Minha irmã, compra um botão desse pra mim. *(mostrando o botão que está em um vestido)*

Carminha – Agora?

Madalena – Tem que ser agora porque eu tenho que terminar de pregar...

Carminha – *(interrompendo ela)* Vai você.

Madalena – Eu tô pregando o botão, Carminha.

Carminha – Tá pregando como, se não tem botão?

Madalena – Então vai comprando que eu vou adiantando a janta.

Carminha – Quem faz a sopa hoje é Teresa.

Madalena – Teresa tá na rua.

Carminha – Daqui a pouco chega.

Madalena – Se atrasar?

Carminha – Nunca atrasa. No fim da tarde ela volta e faz a sopa.

Madalena – Ce não vai comprar, não?

(Pequena pausa)

Carminha – Vou não.

Madalena – Então deixe. Eu peço a Teresa quando ela chegar.

Carminha – Vai você.

Madalena – Ir pra onde?

Carminha – Comprar seu botão, uai! Sai você pra comprar!

Madalena – Tem necessidade, não.

Carminha – Não tava querendo?

Madalena – Sim, mas depois eu faço. Esse vestido Teresa nem usa muito...

Carminha – Ce não pode ir ali comprar um botão, Madalena?

Madalena – Mas se não precisa ser agora? Depois cê vai ou Teresa vai.

Carminha – Ou então cê vai.

Madalena – Então. Pois é.

(Madalena vai entrando pro quarto...)

Carminha – Me dê cá esse negócio.

Madalena – Pra quê?

Carminha – Vou comprar o botão.

Madalena – Agora já vai?

Carminha – Vou. Me dê.

(Madalena lhe entrega o vestido e o dinheiro).

Carminha – Se não achar desse?

Madalena – Compre cinco azul, liso.

Carminha – Tá bom.

(Carminha sai da casa. Ouve-se somente a sua voz depois de um tempo).

Carminha – *(gritando, de fora da cena)* Madalena, me acode!

Madalena – Que foi, menina?

Carminha – Socorro, Madalena!

Madalena – Cadê você, mulher?

Carminha – Tô aqui no quintal! Corre aqui que caiu um negócio na minha perna. Parece que quebrou!

Madalena – Como é que cê tá, minha irmã?

Carminha – Tô com dor! Corre aqui, minha irmã! Pelo amor de Deus, Madalena! Me ajuda!

(Madalena tenta sair da casa, mas chega até a porta e volta).

Carminha – Me ajuda, Madalena!

Madalena – Grita alguém da rua, irmã! Alguém ajude, pelo amor de Deus!

Carminha – Vem você, Madalena, ajudar sua irmã!

(Madalena vai até a porta e volta).

Carminha – Vem, Madalena!

Madalena – Mas será que num passa ninguém nesse caminho? Ninguém que ajude? Dá seu jeito, minha irmã. Corre aqui pra dentro, chega aqui eu cuido! Vem pra dentro, Carminha! Vem do jeito que for.

(Carminha não responde).

Madalena – Carminha?

(Carminha aparece na porta, andando.)

Madalena – Tu não teve foi nada na perna.

Carminha – Por quê é que tu não foi lá ver?

(Pausa)

Carminha – Por quê que tu não foi lá ver?

Madalena – Tenho como não.

Carminha – Como é que não tem como?

Madalena – Eu caio.

Carminha – Cai como?

Madalena – Caindo.

Carminha – Uai.

Madalena – Só sei que é assim.

Carminha – Isso é doença, mulher!

Madalena – Não é, não. É preferência.

Carminha – Nunca sai de casa.

Madalena – Me deixe, Carminha.

Carminha – Mas isso é coisa de buscar um tratamento.

Madalena – Não tem tratamento nenhum!

Carminha – Há de ter.

Madalena – Me deixe, Carminha!! Eu não consigo sair, não saio e pronto!!

Carminha – Nunca buscou ajuda nenhuma!

Madalena – Carece de ajuda, não.

Carminha – Carece.

Madalena – Carece nada!

Carminha – Vai ficar sem sair?

Madalena – Não sinto falta.

Carminha – Mas pra vê o mundo.

Madalena – Vejo da janela! Não vejo da janela?

Carminha – E o mundo é só o redor dessa casa é, Madalena?

Madalena – Não perdi nada mais longe.

Carminha – Tem tanta terra que tu num vai andar...

(Pausa)

Madalena – E você, Carminha? Vai? Andar essas terra toda que tem no mundo?

Carminha – Sei não, Madalena. Quem sabe do meu caminho é Deus. Você já tentou sair?

Madalena – Já.

Carminha – E teve o quê?

Madalena – Caí.

Carminha – Ficou tonta e caiu, foi?

Madalena – Fiquei tonta e desmaiei.

Carminha – Não tinha ninguém com você, não?

Madalena - Tinha ninguém, não.

(Pausa)

Carminha - Venha comigo agora. Só chegar no quintal.

Madalena – Vou não.

Carminha – Se tu chega no quintal hoje, amanhã chega até a rua. Daqui a pouco já ta na feira...

Madalena – Vou não.

Carminha – É só tentar, Madalena. Não é pra conseguir, não.

Madalena – Carminha, eu não quero, não.

Carminha – Eu fico do teu lado, minha irmã, eu te amparo. Se tu cai, eu te seguro, eu agüento, eu sou forte e tu não é pesada. Eu guento contigo, eu guentei com pai quando ele ficou doente, não guentei? Como é que não guento contigo? Tu não cai se tiver comigo não, minha irmã. A gente vai devagarinho, só até o quintal e depois é depois...

Madalena – Eu não vou, Carminha.

Carminha – Mas venha, minha irmã. Venha comigo.

Madalena – Carminha, essa é uma cerca que eu não quero pular! Deixa como tá.

(Pausa)

Carminha – Se eu fosse você...

Madalena – *(interrompendo irritada)* “Se eu fosse você” é sentença do cão!

(Pausa)

Carminha – Esse negócio de num sair...Vou te contar...

Madalena – É o quê, Carminha?

Carminha – Se tu não fosse minha irmã e ia dizer que era esquisitice de gente doida.

Madalena – Tu sabe que eu não sou nada doida.

Carminha – Se me dissessem assim: “Espia, Carminha, naquela casa tem uma moça que as pernas só funcionam dentro de casa. Na rua ela cai”, eu ia dizer na mesma da hora: Doideira.

Madalena – Não diga que é doideira!

Carminha – Mudou de nome?

Madalena – Eu não sou doida!

Carminha – Oh, esqueci! A doida da casa é Teresa!

Madalena – Teresa ta parecendo uma maluca mesmo, esperando esse homem.

Carminha – E tu? Trancada nessa casa, fica parecendo o quê?

Madalena – Olhe, Carminha, eu não vou ter essa conversa mais, não.

Carminha – Vamos combinar o seguinte: Cada um tem sua cerca eu não tenho irmã doida. Porque se for pra ter uma é prefiro logo achar que eu tenho duas. Então é melhor a gente acertar que aqui dentro ninguém é doido. É acordo?

Madalena – É acordo.

Carminha – Então combinamos.

Madalena – Agora me deixe.

Carminha – Agora eu deixo. Deixo sim.

(Teresa chega.)

Carminha – E aí, moça? Como é que foi?

Teresa – Nada ainda.

Carminha – Amanhã?

Teresa – Com fé em Deus.

Carminha – Quem sabe, não é?

Teresa – Vou lá dentro. Sopa de quê hoje?

Carminha – Faz do que quiser, Teresa.

Teresa – Como é que tá, Madalena?

Madalena – Pouquinho cansada.

Teresa – Descansa.

Madalena – Vou.

(Teresa vai pra dentro)

Carminha – Deixa ela.

(O contador fala enquanto Teresa entra no palco. Foco de luz nela e nele. Oração do amor sem fim).

Contador – A moça julgava pertencer a um homem e selou seu destino nesse juramento:

Teresa - Amor, bicho sem medida, inimigo do tempo, me ensine a ter paciência. Amor, trem sem rumo, siga esse caminha comigo, me leve na tua mão, me cobre com teu manto, anda do meu lado, acende meu olhar.

(Teresa continua em cena, olhar perdido ao longe. O contador diz, agora, a sua reza)

Contador - Amor, velho cego, me ensine a enxergar meus irmãos. Vai, rio que não tem fundo, remédio antigo, vira tudo do avesso, faz do mundo teu arado, espalha a tua semente. Vai, amor, vulcão, explode no meio do mundo e queima tudo que não for teu.

(O contador canta Rezas e Rendas, de Carlos Barral. Intercala a canção com os seus comentários).

Cantador - Naquele pedaço azul
Que lembrava o fim do mar,
Tinha o seu nome escrito, morena,
Era um sol a me queimar.
Tinha o seu nome escrito, morena,
Era um sol a me queimar.

Contador – E a saudade de Teresa ia pesando sobre os ombros de Antônio...

Contador - Era de rezas e rendas
O tempo de lhe esperar
De amor e de esperança, moreno,
A vida nesse lugar.
De amor e de esperança, moreno,
A vida nesse lugar.

Contador – E o mundo dá tantas voltas que a gente fica tonto...

Contador - E o fogo do vulcão
Do destino andou por lá
Queimou seu nome no azul, moreno,
Fez das cinzas meu olhar.
Queimou seu nome no azul, moreno,
Fez das cinzas meu olhar.

Contador – Quem é vivo sempre aparece...

(José bate na porta da casa.)

José – *(nervoso)* Abre aí, gente!

Madalena – *(abrindo a porta)* Entra, moço? Viu assombração?

José – O que eu vi foi pior.

Madalena – Conta.

José – Cadê Teresa?

Madalena – No mundo.

José- Diabo!

Madalena – Qual é o aperreio, moço?

José – O impossível se deu.

Madalena – Tá me deixando nervosa, homem!

José – Fique não que não tem mais razão.

Madalena – Me diga o acontecido, José.

José – Tem uma pinga aí?

Madalena – Me conte logo! Vumbora!

(José está meio desnortado).

Madalena – Fala, José, que eu não tô esperando coisa boa, não!

José - Todo domingo eu vou jogar futebol com os meninos no campo mais lá, afastado. Pois nesse domingo os menino foram indo na frente porque ontem eu fiquei bebendo lá em Zé do Padre e tava com a cabeça pesada, o calor tava demais... Tem uma pinga, aí?

Madalena – Primeiro fala, depois bebe.

José – Eu tava indo jogar bola...

Narrador – Domingo é o dia que Deus descansa.

José – Pois eu tava indo sozinho encontrar os menino, lá pras duas horas da tarde. E vinha vindo esse moço pela estrada, andando, no sentido contrário do meu. Aí, quando a gente se encontrou no meio da estrada...

Narrador – O destino traçou aí seu riscado e a estrada de barro ardia debaixo dos pés dos homens.

José – Ele me disse:

Narrador – Amigo, me dá uma informação.

José – Diga, moço.

Narrador – Tu sabe me dizer onde é que eu encontro Teresa?

José – Que Teresa é essa, moço, que tu tá procurando?

Narrador – Uma Teresa que ficou de esperar um Antônio.

José – *(pausa)* Eu conheço uma Teresa, mas ela não é de Antônio nenhum, não.

Narrador – Teresa... Uma morena.

José – Aqui as moça é tudo morena.

Narrador – Ela disse que me esperava. Eu disse que voltava.

José – Qual é o seu nome, moço?

Narrador – Meu nome é Antônio.

José – O nome do moço era Antônio.

Narrador – E é nessa hora que um cabra acredita que, às vezes, é o demônio que toma as rédeas do acaso.

Madalena – E aí, José?

(José não responde.)

Narrador – Agora conta, sujeito, o que é que tu fez!

Madalena – Fala, José!

José – Aí eu disse que sim. Que sabia de Teresa.

Narrador – Disse que ia levar Antônio até a casa de Teresa. Os braços de Teresa, o lugar de Antônio.

José – Eu disse que ela morava longe mas que tinha um atalho, pelo meio do mato. Perguntei se ele tinha medo de cobra...

Narrador – Eu não tenho medo de nada, não.

José – Pois devia era de ter. E a gente se embrenhou no mato.

(pausa)

Madalena – Termina, José.

(pausa)

Madalena – Me diz, pelo amor de Deus...

José – Não tem mais Antônio nenhum, Madalena.

Madalena – O quê foi que tu fez, homem?

José – Eu libertei Teresa dele. Agora só tem eu.

Madalena – Me diga o que foi que tu fez.

Narrador – Mas José não conseguiu contar que quando chegou em mata fechada ele enfiou uma peixeira na barriga de Antônio. E nem conseguiu dizer que Antônio era muito forte pra morrer de um golpe só e que ele enfiou a peixeira mais vezes e muito mais vezes mesmo depois que Antônio já tava morto. E nem disse também que enquanto o outro sangrava ele ficou repetindo que não tinha Teresa de Antônio que só tinha Teresa de José e que ficou dizendo o próprio nome, José, pra que o outro soubesse a quem Teresa pertencia. E nem contou que o sangue de

Antônio despertou nele uma sede estranha e que depois ele bebeu tanta água que pensou que fosse se afogar de dentro pra fora.

José – Não tem mais Antônio, Madalena.

Madalena – Ele voltou pra buscar ela, José? Pra ela ir com ele, foi?

José – Agora não tem mais pra onde.

Madalena – Essa menina tava a vida inteira esperando...

José – Agora acabou.

Madalena – Acabou foi nada. Ce ta é de brincadeira comigo.

José – E eu lá to com cara de quem ta de brincadeira?

Madalena – Tu não fez foi nada.

José – Acabou, Madalena. Teresa fica. Fica comigo.

Madalena – Corta essa conversa, José, que agora não tem mais graça.

José – Eu não to fazendo graça nenhuma. Deus quis que fosse assim, botou o outro no meu caminho.

Madalena – Deus lá quis nada disso! Deus lá ia fazer isso...

José – Deus fez.

Madalena – Fez não. Tu ta é bêbado, doido, ta é inventando conversa.

José – Tu não acredita não?

Madalena – Acredito lá nada!

José – Então vumbora mais eu vê o cabra!

(Pausa)

Madalena – Conversa...

José – Vumbora lá vê! Ta lá no mato, vumbora!

(Pausa)

José – Se não acredita que eu fiz, se acha que eu não sou homem de fazer, vamos lá no mato comigo que eu te mostro. Vamos lá vê a cara do homem que deixou tua irmã doida vumbora, Madalena.

(Pausa)

Madalena – Espera um instante, José.

(Madalena entra. José espera, em pé. Madalena volta com uma espingarda. Aponta em direção a José. Ela sabe segurar a arma).

Madalena – Tu aparece aqui de novo e a morte vai tá te esperando.

(José não reage.)

Madalena – Tu troca qualquer palavra com minha irmã, a morte te encontra.

José – Se eu fiz o que eu fiz foi por...

Madalena – Vai embora, vai. Anda. Não fica parado me olhando não. Tá duvidando? *(engatilha e mira)*.

José – Tô duvidando de nada, não.

Madalena – Então vai e não volta.

(José vai andando em direção à porta)

Madalena – Corre, cão!

(José sai. Madalena prossegue repetindo.)

Madalena – Vai, cão! Vai embora, cão.

(Entram Teresa e Carminha)

Carminha – Vai sair pra caçar, irmã?

Madalena – Sair o quê? Pergunta mais besta.

Teresa – Uai, tá com a espingarda.

Madalena – *(dando-se conta)* Tava limpando.

Carminha – Limpando com o quê?

Madalena – Me deixa quieta, menina! E o vapor?

Carminha – Ele não veio nesse, não. Talvez no próximo...

Madalena – Talvez um dia.

Teresa – Ele vem.

Narrador – E Madalena nunca contou pra Teresa que esse dia nunca haveria de chegar. Não contou porque sabia que a esperança e a vida são duas coisas que se acabam juntas e que a vida de Teresa, naquele momento, estava no estágio de ser só esperança. Não contou porque não queria ser ela a responsável por notícia tão terrível, não queria que houvesse no mundo essa notícia tão terrível e talvez, se não fosse dada, a notícia deixasse de haver. E não contou porque no fundo, num canto de sua alma, havia a possibilidade de que José tivesse mentido, de que José, no meio de seu desespero, tivesse inventado aquela estória toda de Antônio morto no meio do mato e o verdadeiro Antônio ainda estivesse, a cada dia, dando mais um passo de volta a Carinhanha. De volta pra Teresa. De volta pro céu desse azul impossível de Carinhanha, que pesa sobre todas as coisas, que torna tudo uma possibilidade.

Depois de um tempo chegou notícia de que José tinha casado em Minas Gerais e Teresa ficou feliz. Depois de um tempo Carminha entrou pra Igreja e foi ser freira na Bahia. Depois de um tempo Madalena pegou duas meninas pra criar e elas davam tanto trabalho que ela não tinha mais hora no dia pra ficar infeliz e Teresa... Teresa espera na beira do cais há séculos, o tempo não é consolo e cada apito do vapor, cada vela que surge no horizonte trazendo atrás de si o possível barco, reacende no olhar da mulher a missão de esperar. Teresa é a beira do cais há anos, seu corpo é testemunha de que o tempo não é amigo e Teresa vai virando uma pedra fincada ao chão do cais.

(O contador canta São Francisco, canção de Carlos Barral)

Contador - Alegria em que curva te perdeste
Que lajedo, que peral fundo e sombrio?
Tu descansas para sempre nesse rio.
São Francisco, tu não paras de passar.

Lado esquerdo e um rio atravessado,
Verde margem e um dezembro que se foi.
Se me lembro do meu lado esquerdo dói.
São Francisco, tu não paras de passar.

Passa tudo dentro sempre do meu peito.
O que está feito, está feito, está bem feito.

O não feito nunca mais que se fará.
São Francisco, tu não paras de passar.

Vai lambendo seus barrancos, seus beirais,
Vai levando pedras, peixes e pontais,
Mais que tudo vai levando meu olhar.
São Francisco, tu não paras de passar.

FIM.

Cláudia Barral.